ISSN: 1984-8781 - Anais XVIII ENANPUR 2019. Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z** verificar autenticidade em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais

# PERSISTÊNCIAS DE UMA MEMÓRIA COLETIVA NA RUA DO CATETE: O CAFÉ LAMAS, RJ.

**Autores:**
Pâmela Paris Avila - Universidade Federal do Rio de Janerio - - pamelap.avila@gmail.com
Ethel Pinheiro - Universidade Federal do Rio de Janerio - - ethel@fau.ufrj.br

**Resumo:**

A evolução da cidade do Rio de Janeiro foi pontuada por influencias e impactos que se refletem em sua historia urbana. A construção do metrô, na década de 70, é um caso de exemplar intervenção urbana que marcou de forma significativa o espaço urbano (interferido e revisitado) e a memória urbana de alguns bairros cariocas. A atual configuração da Rua do Catete é o resultado dessa mudança: a combinação de trechos preservados com edifícios construídos nos terrenos remanescentes das demolições e a solidificação de vazios urbanos. O objetivo deste artigo é, então, apresentar uma análise de como o espaço urbano pode ser revisitado por ações de ressignificação da memória, usando como objeto de estudo o Café Lamas, demolido quando da obra de passagem do metrô do Largo do Machado-RJ (1970), demonstrando que a persistência de uma imagem simbólica (o Café que ali esteve durante tantas décadas e cujo valor sentimental e histórico é refletido na ausência e relocação deste elemento) é fator de estabilidade de uma memória coletiva e através espaço análogo ao tempo contado através de narrativas do ensaio do pensamento, que se ancora na experiência do corpo no espaço físico.

# PERSISTÊNCIAS DE UMA MEMÓRIA COLETIVA NA RUA DO CATETE: O CAFÉ LAMAS, RJ.

## RESUMO

A evolução da cidade do Rio de Janeiro foi pontuada por influencias e impactos que se refletem em sua historia urbana. A construção do metrô, na década de 70, é um caso de exemplar intervenção urbana que marcou de forma significativa o espaço urbano (interferido e revisitado) e a memória urbana de alguns bairros cariocas. A atual configuração da Rua do Catete é o resultado dessa mudança: a combinação de trechos preservados com edifícios construídos nos terrenos remanescentes das demolições e a solidificação de vazios urbanos. O objetivo deste artigo é, então, apresentar uma análise de como o espaço urbano pode ser revisitado por ações de ressignificação da memória, usando como objeto de estudo o Café Lamas, demolido quando da obra de passagem do metrô do Largo do Machado-RJ (1970), demonstrando que a persistência de uma imagem simbólica (o Café que ali esteve durante tantas décadas e cujo valor sentimental e histórico é refletido na ausência e relocação deste elemento) é fator de estabilidade de uma memória coletiva e através espaço análogo ao tempo contado através de narrativas do ensaio do pensamento, que se ancora na experiência do corpo no espaço físico.

**Palavras-chave:** Memória. Cidade. Café Lamas. Urbanização. Catete

## ABSTRACT

The evolution of the city of Rio de Janeiro was punctuated by influences and impacts that are reflected in its urban history. The construction of the subway in the 70's is a case of exemplary urban intervention that marked significantly the urban space (interfered and revisited) and the urban memory of some neighborhoods in Rio. The current configuration of Rua do Catete is the result of this change: the combination of preserved sections with buildings built on the remaining terrains of the demolitions and the solidification of urban voids. The purpose of this article is to present an analysis of how the urban space can be revisited by actions of re-signification of memory, using as object of study the Coffee Lamas, demolished when the work of passage of the subway of Largo do Machado-RJ ( 1970), demonstrating that the persistence of a symbolic image (the Café that was there for so many decades and whose sentimental and historical value is reflected in the absence and relocation of this element) is a stability factor of a collective memory and through space analogous to the time counted through narratives of the essay of thought, which is anchored in the experience of the body in physical space.

**Keywords:** Memory. City. Café Lamas. Urbanization. Catete

# INTRODUÇÃO

Não há acontecimento que não seja emoldurado por algum tipo de temporalidade. Falar sobre tempo é estabelecer critérios para a memória, pois a ideia de que o tempo passa nos auxilia a compilar os acontecimentos e lembranças e – efetivamente - torná-los sensíveis diante de nossas representações.

A cidade, como artefato mutável pela ação direta do tempo (e de muitas outras condicionantes), está sujeita a este critério inexorável, que pode modificar ou perpetuar determinados padrões em diversos intervalos.

Este intervalo (invisível), também denominado ritmo, é essencial no reconhecimento da paisagem, a postura do ser humano em seu mundo (dentro do movimento de seu corpo) e para a concatenação das imagens urbanas, que são construídas de acordo com as repetições dos fatos vividos/transmitidos. Há ainda a persistência da atividade de reconstrução de cenários mentais, de modo a dar coesão a qualquer tipo de mudança repentina. HALL (1989, p. 161) destaca que:

> Numa cultura como a nossa, com um sistema temporal como o nosso, as pessoas são condicionadas – com raras exceções (...) a ver tudo de uma única vez (...). Isto introduz uma certa superficialidade, uma perda de profundidade que conduz à insatisfação (...). Por isso, talvez, o ritmo invisível não é tão reconhecido em nossa cultura, pois necessita de intervalos repetitivos para que se assente como possível.

HALL (1989, p. 153) concluiu, assim, que "(...) os indivíduos são dominados por complexas hierarquias de ritmos", relacionadas a seu comportamento no ambiente transformado. O ritmo de uma cidade é posto em situação de destaque e sinaliza, de fato, a coerência e dinâmica dos corpos com a manipulação dos espaços físicos: ao mesmo tempo em que estruturas inteiras podem ser desfeitas em anos e produzir ritmos desajustados por muitos outros anos, outras mudanças podem ocorrer em questão de dias ou meses e readaptar o ritmo de vivência e de memorialização.[1]

Uma resposta ao tempo é, sem dúvida, a memória. Na arquitetura e no urbanismo a memória ganha um novo estatuto através do novo paradigma teórico e os novos temas definidos pelo pós-modernismo (Nesbitt, 2002). Neste novo estatuto a memória aproxima-se do espaço físico construído, que agora também ascende diferente nas disciplinas arquitetônicas e urbanísticas como Ambiência, ou seja, como realidade vivenciada e significada.

> As memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. A dificuldade para organizar estas possibilidades em esquemas compreensíveis e rigorosos indica que, a todo o momento, na mente das pessoas se apresentam diferentes destinos possíveis. (Burke, 1992, p.72),

Por outro lado, a memória adquire força de conhecimento do mundo através do corpo, que agora retorna à arquitetura não mais como escala humana fisiológica a ser refletida no desenho espacial, mas o corpo que experimenta, que sente, que toca, que dobra; a memória aqui é força

[1] Memorialização é uma categoria de reparação simbólica que busca reconhecer e contribuir para processos mais amplos de reconciliação com os espaços físicos transformados. A memorialização, assim, "refere-se a processos através dos quais a memória se perpetua. É um meio de reconhecer e relembrar algo […]" (NAIDU, 2010, p.11).

significadora neste corpo que "potencializa" o mundo. É a memória sensível que se relaciona com os lugares na reaproximação que a arquitetura faz entre o corpo e o edifício, entre o corpo e a cidade (Vidler Apud Nesbitt, 2002).

A apreensão da memória nos conduz, desta forma, à construção do sentido urbano; faz emergir os significados e valores dos lugares, atribuídos por indivíduos que neles estão, fomenta as ligações simbólicas entre o ambiente de uma pessoa e suas crenças essenciais, e principalmente nos faz olhar para as imagens e prioridades dos usuários conjuntamente com o ambiente físico. A memória também depende do momento em que está sendo articulada e pelas preocupações inerentes ao processo em que está sendo expressa (Pinheiro, 2010). Portanto não é uma fonte pronta e definitiva, e sim, esculpida durante o processo de recordar.

Na busca pelo resgate das memórias urbanas, o passado tende a ser recriado de forma a refletir nítida e metaforicamente os desejos do presente. Esta recriação passa por interferências de ordem subjetiva e torna-se, para nós, um objeto de análise sensitiva. A partir de tais constatações, este trabalho busca colocar em destaque o papel de uma persistência simbólica, a partir do estudo de caso do Café Lamas, no bairro do Catete – RJ, como forma de analisar o espaço urbano atingido por profundas mudanças físico-territoriais através de ações de ressignificação da memória.

É a partir deste cenário que traçaremos a transição da historia do Café Lamas através do uso de narrativas recolhidas *in loco* onde a narrativa, com sua capacidade de classificar o discordante e homogeneizar o heterogêneo possibilita configurar e reconfigurar criativamente episódios dispersos em um todo coerente, em uma história.

Este artigo propõe, portanto, abordar as transformações urbanas na Rua do Catete – Largo do Machado, RJ, por meio da conceituação de memória coletiva. Propomos aplicar esta análise no estudo do Café Lamas - que esteve na Rua do Catete durante tantas décadas, desde 1874, e cujo valor sentimental e histórico é refletido nas associações do corpo ao espaço modificado, a partir da ausência e relocação deste elemento após as obras do metrô, na década de 1970. Também trataremos das manifestações próprias da vida cotidiana, carregadas de sentidos e sentimentos que constroem a identidade do Lugar.

Segundo Ricoeur o espaço é equivalente ao tempo contado, ou seja, o espaço construído é um arquivo da memória. O ponto de partida para essa afirmação encontra-se exatamente na questão: "O tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal". (Ricoeur, 1994, p. 85).

Partimos da premissa que memória não é nada que permanece ou que está. Trata-se de uma construção, e como tal precisa passar por algum viés de abordagem. Para Bergson, a memória é um fenômeno que responde pela reelaboração do passado no presente, "ela prolonga o passado no presente" (Bergson, 2006, p.247), e "é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida" (Idem, Ibid., p. 179).

# AS HISTÓRIAS DA RUA DO CATETE

No início do século XVIII, a região do Catete era ocupada por chácaras e olarias. Foi nessa época que o trecho passou a ser chamado Estrada do Catete. Após a chegada da família Real Portuguesa, muitas das propriedades da região foram requisitadas para abrigar os nobres da Corte e a via recebeu o nome atual de Rua do Catete. Na segunda metade do século XIX, o bairro passou a ser

servido por linhas de bonde de tração animal, que foram eletrificadas a partir de 1892. Outro marco para a região foi a construção, entre 1856 e 1867, da residência urbana do Barão de Nova Friburgo, projetada pelo arquiteto alemão Gustav Waehneldt e situada na esquina das ruas do Catete e Silveira Martins.

No ano de 1897 a sede da Republica se instala no edifício, que passa a ser conhecido como Palácio do Catete. Por conseguinte, profundas mudanças de ambiente e identidade ocorrem no entorno do prédio, com políticos instalando-se em hotéis e residências no bairro. Alguns dos edifícios da área, como o Hotel dos Estrangeiros (atualmente Condomínio do Edifício Simon Bolívar), localizado na Rua Barão do Flamengo, tornaram-se sede de importantes articulações políticas.

O Rio de Janeiro, Capital da República, reuniu no bairro do Catete o centro das decisões do país e, por conseguinte, o que colocava seu entorno como um dos mais atrativos do país à época. Sua ocupação ocorreu de modo gradativo, reunindo diversas tipologias de edificação e de influências estilísticas. Posteriormente, com a transferência da capital para Brasília, o bairro sofreu marcado esvaziamento.

As políticas de preservação do patrimônio cultural significaram completa reviravolta na identificação de bens de valor cultural dignos de proteção - antes direcionada a construções de caráter monumental, avaliadas por "imponência arquitetônica" ou em decorrência de fatos históricos entendidos como significativos.

> Nessas novas políticas de renovação urbana, a salvaguarda do patrimônio construído não parou de ganhar importância desde os anos 1970-80. Não se derrubam mais prédios nem bairros antigos a que se atribui cada vez mais valor, tanto memorial como estético: são restaurados, são reconfigurados. E as reabilitações tem cada vez mais como alvo edifícios de menor estatuto histórico, assim como sítios patrimoniais mais recentes. (...).
>
> Estamos na época da valorização do patrimônio histórico. Esse trabalho de conservação histórica comporta inegavelmente um valor de memória e costuma ser apresentado como salvaguardar os particularismos étnicos e locais em face da uniformização planetária. Não obstante, essa valorização do passado arquitetônico e urbano, qualquer um que seja sua ressonância nostálgica, esta imbuída dos próprios princípios da hipermodernidade mercantil, estética e midiática. (LIPOVETSKY E SERROY, 2015, p. 323).

Com o passar dos anos, a cidade passou por inúmeras mudanças em seu espaço físico. Tais mudanças se deram a partir do através do "Plano Pereira Passos" e suas iniciativas "progressistas", que informaram as políticas urbanísticas da cidade do Rio de Janeiro no começo do século XX. Na segunda metade do século, com a transferência da capital e posteriormente, a passagem do metrô e as consequentes mudanças na paisagem, a identidade da cidade passa por profundas mudanças em sua identidade.

Entre os anos de 1903 e 1906, uma grande reforma urbana informada por ideologias de modernização foi idealizada e executada pelo prefeito Francisco Pereira Passos, causando enorme impacto estrutural e arquitetônico na cidade. O "Plano Pereira Passos" levado a cabo nesse período tinha como finalidade eliminar problemas que ligavam a cidade ao seu passado. Nesse contexto, foram propostas duas ações urbanísticas específicas, uma conduzida pelo Governo

Federal (e projetada pelo então Ministro Lauro Muller e o Engenheiro Francisco Bicalho), e outra realizada pela Prefeitura do Rio de Janeiro, como parte do plano supracitado. Enquanto a primeira teve como função a modernização do Porto do Rio de Janeiro, e foi fundamentada e justificada na ideia de progresso, a segunda foi mais vasta e buscou agregar as distintas regiões da cidade ao seu centro urbano.

Posteriormente, ocorreriam grandes obras de remodelação, como o desmonte dos Morros do Castelo (década de 1920) e de Santo Antônio (década de 1950) e a abertura da Avenida Presidente Vargas durante a gestão do prefeito interventor Henrique Dodsworth (1937-1945). Tais iniciativas exigiram a demolição de mais de 500 prédios - incluindo a igreja de São Pedro dos Clérigos (que teve de ser "destombada") -, além da desfiguração da Praça Onze (espaço tradicional e altamente simbólico, palco do desfile das escolas de samba da cidade) e de várias ruas do entorno. Em 1965 , por ocasião do 4º centenário da cidade, foi inaugurado o Aterro do Flamengo - construído com o material resultante do desmonte do Morro de Santo Antônio.

Em 1961 ocorreu a transferência da sede da Republica para Brasília e, na década de 70, tiveram inicio as obras do Metrô, levando a grandes modificações de alguns bairros da cidade. Com essas obras, realizadas entre as décadas de 70 e 80, o bairro do Catete sofreu uma grande transformação em razão das mudanças e interdições que as obras trouxeram para o ambiente. Entre as principais mudanças, figura a demolição de grande parte dos sobrados que, durante o Brasil Colônia e o Império, foram residências das elites.

> A demolição de grande parte do casario de numeração ímpar da Rua do Catete destruiu o cenário bucólico, embora sombrio, daquela rua. O largo que se abria no espaço fronteiro ao Palácio do Catete, após um percurso estreito em curvas, era de uma dramaticidade inigualável. Hoje, uma ampla perspectiva se abre de longe, acabando com aquele fator que a urbanista portuguesa Maria da Luz chama de espaço da surpresa. (PCRJ, 2017)

**FIGURA 1 -** A foto acima mostra a obra do metrô na altura da Rua Silveira Martins em frente ao Palácio do Catete, podemos notar o terreno vazio onde se encontrava antes a Escola Rodrigues Alves.

Fonte: http://www.espengenharia.com/novo/wpcontent/uploads/2017/07/01-9.jpg

**FIGURA 2 -** A foto mostra a Escola Rodrigues Alves, na esquina da Rua do Catete com a Rua Silveira Martins. O imóvel foi demolido durante as obras do metrô na década de 1970.

Fonte: http://luizd.rio.fotoblog.uol.com.br/images/photo20150826065118.jpg

O mercado imobiliário passou a investir em vários empreendimentos nas áreas desocupadas pela obra do metro, incentivando a demolição dos casarios remanescentes para a construção de edifícios comerciais e de uso misto que transformaram a configuração espacial pelo adensamento e verticalização da rua. As obras comprometeram a identidade do bairro, e exemplo disso foi a demolição do tradicional Café Lamas. Localizado em um sobrado no lado ímpar da Rua do Catete, o restaurante era considerado de extrema importância como ponto de encontro de intelectuais, políticos e escritores. Hoje, o restaurante está situado na Rua Marquês de Abrantes, no Bairro do Flamengo.

# MUDANÇAS NO ESPAÇO FÍSICO

Toda cidade é formada por camadas diversas (temporais, sociais, simbólicas), e é comum preservar bairros com seus edifícios antigos, mantendo as formas arquitetônicas características da época em que foram construídos. No caso do Rio de Janeiro, as épocas se misturam no contexto urbano, fazendo com que expressões arquitetônicas de estilos e tempos diversos convivam lado a lado.

> A cada novo momento de organização social determinado pelo processo de evolução diferenciada das estruturas que a compõem, a sociedade conhece então um movimento importante. E o mesmo acontece com o espaço. Novas funções aparecem, novos atores entram no cenário, novas formas são criadas e formas antigas são transformadas. (ABREU, 1988, p.16).

As modificações da trama urbana do Rio de Janeiro guardam estreita relação com o crescimento populacional, sobretudo durante a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Aumentavam, no período, não apenas a população nativa como, também, a população migrante (nacional e estrangeira), seduzida pela situação da capital, onde as principais decisões políticas e culturais do país eram tomadas.

Ocorreu, com isso, uma grande concentração demográfica em certas áreas, em oposição a outras. A área do Porto, em particular, passou por grande adensamento e crescimento populacional, sobretudo por conta dos preços atraentes às classes populares e da proximidade com as indústrias e o comércio nacional e internacional.

Nas proximidades das praias da Zona Sul, essa imagem era diferente. Por serem considerados locais bons para a saúde, com casarios mais amplos, de boa iluminação e ventilação, as classes com maior poder aquisitivo buscavam residir nestes locais. Também era levado em consideração que esta localização estava mais próxima ao centro de poder Republicano, o Palácio do Catete, sendo assim a cidade ficou dividida em duas partes.

Aprovado em 1947 (PAL 12773 PAA 18791), o projeto de urbanização do Catete previa a reformulação completa da área. Todas as casas, palacetes, prédios e sobrados seriam demolidos para que no local fossem construídos edifícios baseados no Plano Agache[2]. Apenas um edifício, na esquina da Rua Almirante Tamandaré (figura 3 e 4), foi construído seguindo o modelo do Plano - o restante do projeto não chegou a sair do papel.

Em 1970, inúmeros sobrados centenários foram demolidos como decorrência da "renovação urbana" e das obras do Metrô. Sendo a obra a céu aberto em tempo anterior ao "tatuzão"[3], a Rua passou por um verdadeiro arrasamento (como pode ser observado nas figuras 5 e 6).

[2] "Na memória dos cariocas, ele não desfruta do mesmo prestígio de Pereira Passos ou Pedro Ernesto. Mas, justiça seja feita: o paulista Antônio Prado Júnior foi o primeiro governante do Rio a patrocinar um plano-diretor para o então Distrito Federal. Sua gestão, entre 16 de novembro de 1926 e 24 de outubro de 1930, foi marcada pela abertura de ruas, calçamento, mudanças de alinhamento, obras de saneamento e construção de escolas. Filho de uma família tradicional, nomeado pelo amigo e presidente da República Washington Luís, Prado Júnior, que não tinha curso superior, contratou o urbanista francês Alfred Agache para elaborar o Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento da Cidade. O projeto, que ficaria conhecido como Plano Agache, pretendia organizar o crescimento do Rio, determinando áreas de expansão, prevendo a criação de redes de serviço e tratando da instalação da infraestrutura urbana. O trabalho do urbanista nunca foi inteiramente aplicado no Rio, embora tenha servido de base para meia dúzia de planos diretores." (Acervo Jornal O Globo, Publicado: 17/10/13 - 13h 01min)

[3] "Uma tuneladora, conhecida no Brasil como tatuzão, (Tunnel boring machines - TBM - em inglês) são máquinas utilizadas na escavação de túneis com secção transversal circular. São mecanismos apreciados pela sua eficiência em diversos tipos de subsolo, mostrando uma versatilidade que vai das rochas mais duras até terrenos arenosos. Os diâmetros da secção transversal pode também variar muito: desde 1 metro, realizadas por microtuneladoras, até 14 metros. Ela faz 30 km a cada 5 horas e demore 8 semanas para terminar o processo de finalização do túnel". (Wikipédia, acessado dia 13/07/2018)

**FIGURAS 3 E 4 -** Nas fotos acima, vemos o edifício que seguiu o modelo do Plano Agache localizado na esquina da Rua Almirante Tamandaré

Fonte https://www.google.com/maps/

**FIGURAS 5 E 6 -** As fotos acima mostram a verdadeira terra arrasada que se transformou o Largo do Machado e a Rua do Catete durante as obras do Metrô nos anos 70.

Fonte: http://www.rioquepassou.com.br/2009/04/01/largo-do-machado-obras-do-metro/

O tecido urbano que se encontrava consolidado desde o meio do século XX, após passar por mudanças desde a gestão do prefeito Pereira Passos, se esvaeceu. Com isso, grandes referências do bairro e da cidade, como a garagem dos bondes, o Cinema São Luiz e o Café Lamas, que faziam parte do casario do lado ímpar da rua, foram colocados abaixo pelas obras do metrô.

O Catete testemunhou diversas etapas que configuraram a trama urbana e cultural do Rio de Janeiro. Viu o aparecimento da Belle Époque; construiu sobrados imponentes; condescendeu aos modernistas e aos traços geométricos do Art Déco, assistiu a revolução política e social da década de 30, a ditadura de Vargas e o início da real industrialização do Brasil, passou por toda a era desenvolvimentista do período JK, introduzindo no país as fábricas automotivas e realizou a construção de Brasília, mudando para a cidade o centro de decisões do país.

> Isso leva a uma percepção da história desgarrada da experiência do presente e que não permite perceber o quanto estas áreas urbanas se constituíram como espaços idealizados da cidade. Nesses termos é que se pode dizer que os bairros históricos se constituem como lugares de memória. (Knauss, 2013, p.14 ).

# CONCEITO DE MEMÓRIA COMO "ILHA DE EDIÇÃO" [4]

A memória pode ser abordada por diferentes perspectivas, vindas de diferentes campos, como a Neurologia, a Neurociência, a Medicina, a Psicologia e a Filosofia, por exemplo. Ao abordarmos a cidade sob a perspectiva de memória cultural, percebemos que memória é um conceito polissêmico e dependente de diferentes olhares. Associada à questão do Patrimônio, percebe-se claramente o medo da perda, que se manifesta na constituição de arquivos.

A partir de pesquisas no Arquivo de Freud, Derrida desconstrói a ideia de arquivo e aborda o que chama "Mal de arquivo". Para o autor, o poder (que ele associa à ideia de "pulsão de morte" em Freud) está permanentemente criando e destruindo arquivos. A "memória" arquivada, portanto, é sempre construída e reconstruída pelos detentores do poder.

> Derrida tratará em Mal de Arquivo do sentido que a assinatura de Freud imprimiu em seu próprio arquivo, discutindo a dificuldade de se trabalhar com o conceito de arquivo, na medida em que conceito representa a hierarquização binária do pensamento que Derrida quer deslocar (pela desconstrução) e o processo de arquivamento fechado. Arquivo e arquivamento, no entanto, fazem parte do discurso freudiano sobre o inconsciente e, nesse sentido, são impressão. Derrida falará então de impressão freudiana. (SOLIS, D. E. N, 2014, p.4)

Guardar não garante que a memória será preservada, até porque memória não é "algo" que se guarde e se recupere, sendo sempre fragmentária e comportando necessariamente o esquecimento. Sempre haverá lacunas, e isso é abordado por Derrida (2001) quando trata do "mal de arquivo" como uma constante recorrência à lembrança objetificada.

4 Frase do Poeta Wally Salomão no verso que abre o poema "Carta aberta a John Ashbery".

> O arquivo sempre foi um penhor, e como todo penhor, um penhor de futuro. Mais trivialmente: não se vive mais da mesma maneira aquilo que não se arquiva da mesma maneira. O sentido arquivável se deixa também, e de antemão, co-determinar pela estrutura arquivante. Ele começa no imprimente. (Derrida, 2001, p. 31).

O compositor, poeta, crítico literário, filósofo e escritor brasileiro Antônio Cicero Correia Lima, aborda bem o conceito "guardar" em seu poema, onde mostra que há inúmeras formas de guardar, que não são contempladas pelos arquivos e as chamadas 'instituições de memória', como os museus.

Guardar

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro
Do que um pássaro sem vôos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar.

– Antonio Cicero, em "Guardar – Poemas escolhidos". Rio de Janeiro: Editora Record, 1996, p. 337.

Determinadas sociedades dão muito valor aos pequenos sistemas de objetos, as relíquias que são feitas pela mão do Homem. Já outras dão muito mais valor à oralidade, o que é bem típico das culturas africanas.

A questão da oralidade deve ser amplamente discutida, pois a memória está intimamente relacionada à ascensão, fixação e aceitação de certas narrativas. Não temos a versão exata da memória, ela é construída na versão do que todos falam. Discorrendo sobre a memória coletiva, Pollack, utilizando como base o conceito de Halbwachs, afirma:

> Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela

> e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. (Pollak, 1989, p. 3-4)

A memória coletiva preocupa-se, assim, com o modo como o fato é vivenciado por um grupo e constitui-se importante para o conjunto, integrando os indivíduos através de episódios comuns que interferem na vida da coletividade. É necessário, de tal modo, levar em conta as lembranças que cada um tem dos acontecimentos, pois a memória é compartilhada e vivenciada coletivamente. A memória do Café Lamas, por exemplo, depende mais das narrativas permanentemente construídas que do antigo edifício que foi demolido. Cabe aqui frisar que o esquecimento é parte integrante e essencial da memória.

O crescimento das cidades nos mostra que a questão da preservação está intimamente relacionada a períodos específicos. Se, na ocasião da demolição do Palácio Monroe, a conservação se baseava em juízo arbitrário a respeito de beleza e do quanto o objeto do tombamento era "bom" ou "ruim", recentemente a conservação passou a ter outros aspectos levados em consideração, como o afeto, a interpretação construída e a relação com as pessoas.

Arrasamentos, modificações de ruas e avenidas, tudo isso tem a ver com ideias que antes não eram consideradas, como imanência, permanência e memória. Diferentemente da história, a memória é flexível e trabalha com as condicionantes locais e suas sensações. A memória é uma ação da retórica, está permanentemente em construção e reconstrução. Através desse estudo do conceito de memória, este artigo busca a lembrança de um lugar no Catete que se perdeu no tempo, mas que após tantos acontecimentos ressurgiu em nova localização.

# 'EDITADO' – O CAFÉ LAMAS DA RUA DO CATETE

O antigo Café Lamas, demolido junto ao casario do lado ímpar da Rua do Catete, acaba reinaugurado na Rua Marques de Abrantes no Flamengo. Ainda assim, ao conversamos com as pessoas sobre a historia do Café Lamas, a maioria faz referência ao antigo prédio, que por vezes não é registro direto de suas memórias, e sim de alguém que viveu o antigo Lamas e passou essa história para elas. Isso é uma característica da memória social e coletiva, ela passa de geração em geração.

O novo Café Lamas está carregado da memória do antigo café da Rua do Catete. Tanto ou mais que os documentos guardados em arquivos, as narrativas colaboram para sua rememoração.

Logo quando se adentra o restaurante, passando pelo balcão da lanchonete que hoje fica no lugar da antiga venda de frutas, passa pelas janelas que dão para a movimentada cozinha em direção ao salão fechado do Lamas, uma placa assinala com números: 138 anos de tradição. De fato o restaurante, fundado em 1874 (sendo assim o mesmo já possui 144 anos, levando em consideração que estamos no ano de 2018) é uma instituição do Rio de Janeiro.

O Lamas é uma referência e, por si só, respira história. Segue com seu cardápio de mais de 200 itens e jamais tirou do menu a canja de galinha e o mingau. Segundo o historiador Milton Teixeira (2013, JORNAL O GLOBO), diversos pratos que marcaram a vida gastronômica no Rio nasceram ali. Conta-se que pratos com renome nacional, como filé à francesa, o bife a cavalo e o filé a Oswaldo Aranha, foram criados por lá. O filé Oswaldo Aranha é uma homenagem ao político e estadista

brasileiro que colocou o Brasil ao lado dos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial e foi cliente assíduo da primeira fase do Café Lamas.

No livro "O Rio de Janeiro de meu tempo" do escritor Luiz Edmundo, há uma historia segundo a qual, de tanto funcionar durante 24 horas, o Café Lamas, em certo momento de sua trajetória, teve as portas de entrada emperradas. A história remonta ao período em que o estabelecimento, ainda funcionava no Largo do Machado, onde permaneceu por cem anos - entre 1876 e 1976. Conta-se que, no dia em que o problema foi detectado, houve um quebra-quebra e várias pessoas correram para o restaurante para se proteger do tumulto. A porta não descia de jeito nenhum. Força do tempo e do hábito de funcionar sem fechar jamais.

> No começo do século o Café Lamas é um cenáculo de estúrdios e irrequietos boêmios: estudantes, artistas, bancários, rapazes do esporte, do funcionalismo público e do comércio. Funciona dia e noite. Suas portas não se fecham, nem se abrem. De tal sorte que, uma vez, quando se amotina a Escola Militar e a notícia corre que, sob o comando do general Travassos, descem os alunos pela Rua da Passagem, caminho do Catete, as portas do estabelecimento, de tanto viverem sem o menor movimento, não podem fechar, perras, imobilizadas nos seus gonzos. E, as sim é que se manda chamar, para fazer movê-las, um esperto carpinteiro. (Edmundo, 1961, p. 179)

O estabelecimento assistiu, entre outros momentos e fatos históricos, a uma mudança de sistema de governo (de monarquia para república); ao fim da escravidão; à troca da capital federal; a duas longas ditaduras e a nove moedas diferentes. Na sede original, conheceu longas fases de boemia, com direito a mesas de sinuca nos fundos. Teve frequentadores como Rui Barbosa, Di Cavalcanti e Oscar Niemeyer.

**FIGURA 7 -** A imagem acima mostra um desenho do Lamas da Paladar do Jornal Estadão

Fonte: https://paladar.estadao.com.br/blogs/luiz-americo-camargo/wp-content/uploads/sites/324/2015/01/jantar-e1421860632316.jpg

# NARRATIVAS POR UMA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA

O método adotado neste trabalho privilegiou a abordagem de narrativas como registro da memória que habita os indivíduos que vivem e viveram (ou não) nos espaços. A ideia de narrativa (como instrumento de composição temporal, causal, social e ambiental) fundamenta a mímese pensada no campo arquitetural, particularmente esclarecedora no propósito de pensar a memória coletiva de um espaço físico. A memória tem lugar, está inscrita no espaço, como muitos teóricos referendam. Este, por sua vez, apresenta diferentes temporalidades, valores e histórias, realizações e desejos, que permanecem inscritos na matéria (absortiva), o indivíduo.

A partir das perspectivas de Ricoeur (1994), o espaço é narrado através do tempo e ao mesmo tempo, o tempo é narrado através do espaço - por isso, a proposta das narrativas é tão útil.

Foi realizada uma pesquisa em fontes bibliográficas e em sites de domínios públicos, assim como também uma pesquisa de campo no mês Julho de 2018, em que personagens que fizeram (de alguma forma) parte da historia do Café Lamas foram abordadas de modo a construir narrativas pessoais sobre o local; funcionários que trabalham/trabalhavam no local desde que o mesmo habitava o sobrado no lado ímpar no Largo do Machado (bairro adjacente ao Catete).

Primeiramente, ao abordar o responsável pelo estabelecimento descobri que os funcionários mais antigos da casa eram o chef da cozinha e um garçom, sendo que o chef de cozinha está na casa desde a época do antigo endereço.

Através de uma entrevista sem muitas perguntas, mais aberta deixando os personagens do local falarem e contarem suas experiências, acabamos descobrindo historias que acredito que alguns, como nós, nem imaginem.

Conversando com um dos sócios do Café Lamas M., senhor que aparenta estar na casa dos 60 anos, perguntamos há quanto tempo ele estava à frente do restaurante:

> "Estou como sócio do Lamas há 33 anos, o primeiro proprietário o Sr.Francisco Tomé dos Santos Lamas, da onde vem o nome do Café inaugurou a casa em 1874 e foi assim passando por vários proprietários. Somos o mais antigo bar da cidade e considerados pela prefeitura do Rio como patrimônio cultural carioca. O Lamas da época de Largo do Machado possuía outras características, na entrada ao contrário da lanchonete que temos hoje funcionava uma mercearia, e também possuíamos o salão de Bilhar onde eram famosos os campeonatos. Ficamos no Largo do Machado durante 102 anos e estamos aqui no Flamengo há 41 anos, viemos de lá como você sabe pelo problema do metrô, pois ocorreu a desapropriação. Se você reparar nessa foto da parede você pode ver que o novo Lamas já era anunciado nesse cartaz aqui atrás, isso em 1976. Quando viemos para cá, nós tiramos a parte das frutas e colocamos a lanchonete e expandimos a área do salão. Antigamente o Lamas tinha outros ares, como a gente ficava aberto durante 24 horas éramos tidos como lugar de refúgio de jornalistas e escritores, muita gente famosa frequentava aqui, Manoel Bandeira, Olavo Bilac, Monteiro Lobato, a nata da literatura. O publico hoje é mais eclético, vem alguns artistas, muito turista e a galera das antigas que permanece muito fiel. A toda hora me perguntam sobre o segredo de sobreviver por tantos anos. Eu respondo que a história a gente escreve diariamente. Se eu não atender bem meu freguês, se o prato não estiver do agrado dele, ele não volta, não importa se meu restaurante

> tem mais de 100 anos e se o Machado de Assis comia aqui. Se eu não cuidar do hoje, não existe futuro."

Durante a conversa, restou dúvida em relação a como o sócio "lembrava" do antigo Café Lamas, pois o mesmo aparentava não fazer distinção entre o Lamas 'de hoje' e o Lamas 'de ontem', levando em consideração que a mudança de endereço do restaurante aconteceu há 41 anos.

> "Eu vivi e vivo o Lamas, fiz muito trabalho de casa do colégio nas mesas do salão, minha família é proprietária da casa desde 1950. Muitos clientes lembram de mim criança, são pessoas que acabam ficando extremamente próximas."

Após conversarmos com M, fomos ao encontro de B., Chef da cozinha do estabelecimento e mais antigo dos funcionários, que está na casa desde os tempos de Lamas Largo do Machado.

> "Olha esse ano faz 45 anos que estou na casa, entrei aqui com 18 anos lavando prato e nunca mais saí. Já vi muita coisa acontecer por aqui, mas podem falar o que for, quando era lá no Largo do Machado era muito melhor, a começar pelo movimento, tinha as mesas de sinuca, muito mais animado. A noite era cheio de jornalista do JB e do Globo e eu já sabia as noticias sem nem precisar comprar jornal, tinha fila na porta. Na época das eleições o bar virava um grande comício, quando entrei aqui o pessoal falava que o presidente Getúlio sempre vinha com a comitiva dele as 17:00 em ponto, era um local cheio de gente importante, movimentado. Muita coisa nesse Rio de Janeiro acontecia antes aqui. Você sabia que a primeira banca de jornais do Rio foi montada na porta aqui do Café? Mas não sei quando. Um italiano de nome Carmine Labanca vendia jornais caminhando pelo Largo do Machado e arredores. Como ele ficava cansado porque andava muito arranjou uns caixotes de frutas do Lamas e colocou os jornais arrumadinhos e sentou em outro caixote. Como ele não vendia mais os jornais andando, o pessoal começou a "ir no Labanca" pegar. "Vamos lá no Labanca" o pessoal todo falava, daí para "banca" foi só um pulinho. Depois que o metrô tirou a gente de lá mudou tudo, ô época boa era aquela viu!"

Nota-se, através dessas narrativas resgatadas dos personagens entrevistados, que o passado se faz presente de forma transfigurada por meio de lembranças encobridoras[5] de atos de memoria. O ato de interpretação do passado se dá na analise e explicação do estado devaneador no qual se encontra o fenômeno em sua tradução para a linguagem.

[5] Desde muito cedo em sua pesquisa, uma característica da memória chamou a atenção de Freud. Observa-se com freqüência a existência de recordações de fatos quase irrelevantes da infância e a quase ausência de registro de ocorrências significativas também da infância. Em 1899 Freud escreveu um artigo no qual chamou de *Lembranças Encobridoras* (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. III; Ed. Imago, R.J.) estes registros muito nítidos de fatos aparentemente irrelevantes, os quais, quando analisados, revelam experiências reprimidas da infância.

# ONDE FOI PARAR O CAFÉ LAMAS?

A história do Café Lamas se confunde à história da Rua do Catete. Grande parte dos principais acontecimentos políticos e urbanísticos da cidade foram presenciados ou discutidos no Café, tanto no período que se encontrava no número 295 da Rua do Catete, como após sua transferência para a Rua Marquês de Abrantes no Flamengo.

Quando a obra do metrô passa destruindo os sobrados do lado impar da Rua do Catete, essa imagem muita vezes é tão ou mais importante - e com tanto valor sentimental e histórico - que o Café Lamas que esteve ali durante tantas décadas, pois a ausência é um elemento de percepção. O valor de memória a ser apresentado joga o valor do objeto construído para a experiência corporal.

Ao pensar no método de construção e abordagem deste artigo, a primeira coisa que veio à mente foi o 'resgate da memória'. Sempre escutamos que precisamos resgatar a memória, só que essa memória não é conceito, pois não se resgata a memória de algo sem ter alguma fonte. Novamente citando Waly Salomão, "A memória é uma ilha de edição" e por isso resvala em diversos canais de modulação.

> Qualquer sujeito percebe estas possibilidades, à sua maneira, e se orienta de modo diferente em relação a elas (...) cada fragmento (cada pessoa) é diferente dos outros, mesmo tendo muitas coisas em comum com eles, buscando tanto a própria semelhança como a própria diferença. É uma representação do real mais difícil de gerir, porém parece-me ainda muito mais coerente, não só com o reconhecimento da subjetividade, mas também com a realidade objetiva dos fatos. (Burke, 1992, p. 72).

Sexta-feira, 14 de agosto de 1992 — O GLOBO — Rio de Janeiro

CAPA

## Troca-troca de nomes e endereços famosos

Endereços que mudaram de nome e nomes que mudaram de endereço. Nesta cidade vaidosa, os retoques na geografia da animação nos últimos 30 anos foram muitos. O teatro Opinião virou de Arena e o que hoje é o Gattopardo foi Drugstore. Já o Luna Bar trocou o Leblon por Ipanema, a gafieira Estudantina foi para um prédio próximo, na mesma Praça Tiradentes, e os habitués do Jangadeiro tiveram que fazer uma peregrinação atrás do seu bar predileto.

Um dos melhores exemplos quando se fala em estabelecimentos famosos que mudaram de endereço mas levaram o nome — e com ele uma freguesia fiel — é o Lamas. A atriz Rachel Welch chegou a passar pela vendinha que funcionava na entrada, circulou pelas mesas do restaurante e foi até o salão de bilhar, nos fundos. Nos anos 60, já era um ponto de encontro, mais famoso pelas histórias de que foi palco do que pelo cardápio simples que oferecia. Até que um dia o metrô chegou e derrubaram a velha casa, onde foi construído um centro comercial que inclui os cinemas São Luiz I e II. O Café Lamas carregou então sua tradição para uma rua próxima, a Marquês de Abrantes.

O Ricardo Amaral dos anos 60 era francês. Chamava-se Hubert de Castejá e dirigiu duas boates importantes: Black Horse (hoje uma farmácia de homeopatia) e Le Bateau, ambas em Copacabana. Há seis meses, Bernard e Philip, filhos de Hubert, abriram a boate Castejá, em Ipanema. A idéia era oferecer uma opção de lazer aos hoje cinqüentões. A onda nostálgica deu certo e eles conseguiram atrair mais gente.

— Aqueles que iam na Black Horse e no Le Bateau vão hoje no Castejá e levam seus filhos. O painel de fotos antigas que tem logo na entrada já fez algumas pessoas chorarem — diz Geisa de Castejá, mãe de Bernard e Philip, na direção da boate.

O antigo Lamas, no Catete, onde hoje há um centro comercial

O Lamas hoje, na Marquês de Abrantes: mesma freguesia

**FIGURA 8 -** A imagem acima mostra uma reportagem do Jornal O Globo do dia 14/08/1992 abordando famosos estabelecimentos que mudaram de localização no Rio de Janeiro e cita o Café Lamas, mostrando o antigo no Catete e o novo no Flamengo.

Fonte: http://cafelamas.com.br/na-imprensa/

O filosofo alemão Walter Benjamim, em seus textos "O Narrador" (1936) e "Experiência e Pobreza" (1933), observa a importância de uma narrativa da memória ligada à difusão da experiência pessoal. Benjamim chama de "perda ou declínio da experiência", tradição compartilhada por uma comunidade humana. E essa tradição é retomada e transformada em cada geração, na continuação de uma palavra transmitida de pai para filho. O que importa é algo que

passa adiante, que é maior que as experiências particulares, algo maior que a simples existência individual, algo que transcende a vida e a morte e que pertence a uma memória viva e pulsante.

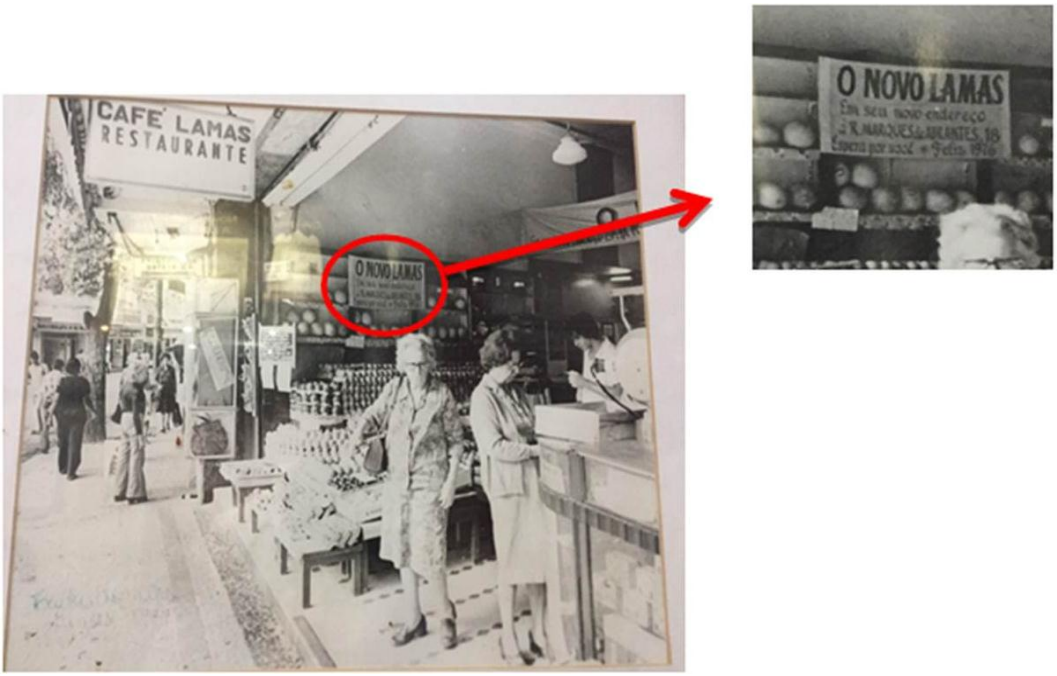


**FIGURA 8 -** Imagem situada na parede do restaurante citada pelo sócio do Café Lamas durante a conversa.

Fonte: Café Lamas

Já no campo da memória, seu caráter coletivo traz os valores pressupostos pela comunidade, onde o tempo e espaço acontecem. Quando se avolumam comentários acerca de fatos do passado, isso vira um objeto edificado. Tal fenômeno relaciona-se àquilo que Pierre Nora postula em seus escritores sobre Lugares de Memória: “os lugares de memória não são aqueles dos quais nos lembramos, mas lá onde a memória trabalha” (NORA,1997,p.18).

**FIGURA 9 e 10 -** Antiga fachada Café Lamas no Largo do Machado e Salão de Bilhar Café Lamas no Largo do Machado, não existe mais o salão no novo endereço.

Fonte: Café Lamas

Benjamin aponta que "articular historicamente um fenômeno com o passado não significa conhecê-lo tal como ele de fato foi" (Benjamin, 1994, p.224). Isto significa encontrar no presente, no agora efêmero, memórias que nos levam ao passado. O acontecimento ficou para trás, mas o que dele resta no presente não é o seu passado exímio, mas o que do passado se desliga e atravessa em direção ao futuro. A rememoração e o consequente reaparecimento de um conteúdo ou objeto, mais do que a busca pelo acontecimento em si, é um movimento de similaridades. Ao invés de retomar o passado, a memória involuntária ultrapassa-o, realizando o entrecruzamento dos tempos.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começa-se a falar de memória como instrumento de interferência no espaço físico a partir do século XIX, quando é visível que as cidades passam por um período de grandes mudanças. No campo Epistemológico, vários autores começam a abordar a questão da memória, ocorre uma inflação de discursos identitários reivindicando a memoria oficial.

Esse resgate se dá através de uma coleção de narrativas que abordam as histórias por meio das lembranças dos que souberam/viveram tal história, de alguma forma. A narrativa surge dessa "coisa" que ainda pulsa, onde não poderemos voltar ao evento acontecido, só se tem acesso aos vestígios desse evento através de discursões, coleções de narrativas – que são arquivos móveis.

O passado então se torna essa virtualidade e se coloca em uma condição de olhar para diversos vestígios e tentar dialogar com tal discurso.

Esse "arquivo", ou seja, esses lugares de memória estão guardados na lembrança do individuo sobre aquele determinado lugar ou acontecimento, e cada arquivo tem um motivo para que seja guardado e isso se estabelece a partir de uma lógica que não é neutra.

A partir do estudo desenvolvido neste artigo podemos notar que a memória coletiva pode nos arrematar em forma de discurso que se consolida pela vivência direta ou indireta. As experiências de memória acontecem com as relações temporais; toda a experiência de memória é uma relação temporal, mas não através de um tempo determinado e sim de um tempo que vamos levar através das convenções. A memória se encontra no mundo sensível, cognitivo, no campo não perceptivo e por isso sempre em construção.

As falas dos funcionários do café demonstram a persistência de uma imagem intimamente ligada à memória coletiva e referida ao espaço físico do antigo Lamas, ainda que este já tenha sido demolido. A ausência da sede original não apaga sua presença simbólica enquanto articuladora de uma memória coletiva que surge como pano de fundo para recordações individuais, recontadas a partir de elementos narrativos transmitidos ao longo de gerações. Do contrário, a demolição do antigo prédio fez dele elemento quase incontornável nas narrativas sobre o passado e as projeções acerca do futuro do Café Lamas, relacionando temporalidades, expectativas e memórias a partir de referências a sua imagem simbólica.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Mauricio de A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro* .2ª ed. Rio de Janeiro: Editora INPLANRIO. 1988.

BURKE, P. (Org.). *A escrita da história – novas perspectivas.* São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1992.

DE PAOLI, PAULA. *Entre Reliquias e Casas Velhas: a Arquitetura das Reformas Urbanas de Pereira Passos no Centro do Rio de Janeiro.* 1°ed. Rio de Janeiro: Rio Book´s. 2013.

_____. "*Entre Reliquias e Casas Velhas: a Arquitetura das Reformas Urbanas de Pereira Passos no Centro do Rio de Janeiro.* 1°ed. Rio de Janeiro: Rio Book´s. 2013. (KNAUSS, PAULO. Prefácio)

DERRIDA, J. *Mal de Arquivo: uma impressão Freudiana.* Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

EDMUNDO,L. *O Rio de Janeiro do meu tempo.* Brasilia: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. 680 p. – (Edições do Senado Federal ; v. 1)

FREUD, S. *Moisés e o Monoteísmo.* In: FREUD, S. Edição standard das obras psicológicas completas: esboço da psicanálise e outros trabalhos (1937-1939). Rio de Janeiro: Imago, 1976a. v. 23.

FREUD, S. *Nota sobre o Bloco Mágico*. In: FREUD, S. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas: o ego e o id e outros trabalhos (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1976b. Originalmente publicado em 1925 [1924]. v. 19.

*HALL, E. The Dance of Life: The Other Dimension of Time.* New York: Anchor Books, 1989.

JODELET, Denise. *A cidade e a memória.* In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Crisitiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso, Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.

LEGOFF, J. *História e Memória.* Trad. de Bernardo Leitão et al., 5. Edição, Campinas, SP: Ed. Unicamp. 2003.

LIPOVETSKY, Gilles; e SERROY, Jean. A estetização do mundo– Viver na era do capitalismo artista.1ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.

NAIDU, E. Da Memória à Ação: Um Kit de Ferramentas para a Memorialização em Sociedades Pós-Conflito. Tradução de Juliana Oliveiro Carlos. Brasília: Ministério da Justiça /Comissão de Anistia (Brasil), 2010.

NORA, P. Lês Lieux de Mémoires. Gallimard, Paris. 1997.

PINHEIRO, E. Cidades 'ENTRE'. Dimensões do sensível em arquitetura ou a memória do futuro na construção de uma cidade. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Proarq, 2010.

____. Noções de tempo e espaço na cidade contemporânea. Anais do I ENANPARQ, Rio de Janeiro: 2010a, pp. 1-15.

POLLAK, M. *Memória e Identidade Social. In:* Es*tudos Históricos.* Vol. III. Rio de Janeiro: Ass. De Pesquisa e Documentação Histórica do Cpdoc/FGV.1992.

_____. "*Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos, 2 (3). Rio de Janeiro. 1989.

RICOEUR, P. Tempo e Narrativa (tomo I). Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

UGLIONE, P. Arquivo Mnemônico do Lugar: memória e histórias da cidade. Tese apresentada ao Proarq/UFRJ. 2008.

**SITES CONSULTADOS**

Disponível em <http://cafelamas.com.br/> Acesso em 12 de Julho de 2018.

Disponível em <http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/no-fim-dos-anos-20-plano-agache-pretendia-organizar-crescimento-do-rio-10403129> Acesso em 10 de Julho de 2018.

Disponível em <http://www.rioquepassou.com.br/2009/04/01/largo-do-machado-obras-do-metro/> Acesso em 10 de Julho de 2018.

IPHAN-RJ. Apac Catete. 2004. In: <http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/apac/apac_catete.shtm>. Acesso em: 26 nov. 2017.

Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/rio-gastronomia-2013/delicias-de-historia-dia-em-que-porta-do-lamas-travou-9097993 Acesso em: 16 nov. 2018.

Disponível em <https://paladar.estadao.com.br/blogs/luiz-americo-camargo/em-sp-poucos-restaurantes-ficam-antigos/ Acesso em: 16 nov. 2018.